



Antíteses

ISSN: 1984-3356

antiteses@uel.br

Universidade Estadual de Londrina
Brasil

Tavares Bessone da Cruz Ferreira, Tania Maria
A imprensa e o contexto da Revolta da Chibata: história e historiografia
Antíteses, vol. 3, diciembre, 2010, pp. 11-23
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193319813003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A imprensa e o contexto da Revolta da Chibata: história e historiografia

Background of the press and the Revolt of Whip: history and historiography

*Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira**

RESUMO

A proposta deste texto é analisar a produção historiográfica que trata do tema, relacionando-a a uma fonte muito importante para os estudos históricos e que foram fundamentais para construir estas novas propostas: a imprensa. A imprensa do Rio de Janeiro tornou-se um elemento de larga importância na divulgação sobre movimentos sociais, as transformações da cidade e as contradições do governo republicano. Neste texto pretende-se destacar questões que contextualizaram a chamada "Revolta da Chibata" e como a historiografia contemporânea a discute.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos sociais. Rio de Janeiro e República. Imprensa e Revolta da Chibata. História e historiografia.

ABSTRACT

The purpose of this text is to analyze the historiographical production that approaches the theme, relating it to a very important source for historical studies, which were essential to build these new proposals: the press. The press of Rio de Janeiro became an element of great importance in the disclosure of social movements, the transformations of the city and the contradictions of the republican government. This text aims to highlight issues that contextualize the so-called "Revolt of the Whip" and how contemporary historiography argues it.

KEY-WORDS: Social movements. Rio de Janeiro and Republic. Press and Revolt of the Whip. History and historiography.

Pois não existe mistério para um homem do mar, a não ser o próprio mar, que é senhor de sua existência e inescrutável como o Destino.[Joseph Conrad: O Coração das Trevas]

O historiador José Honório Rodrigues, em uma conferência realizada no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, em maio de 1968, e depois publicada no livro *História e Historiografia*, editado pela Editora Vozes, em 1970, reforçava seu argumento quanto às diferenças entre a história do Brasil real e oficial e também quanto a um aspecto pouco estudado pela historiografia que dizia respeito a movimentos populares:

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Procientista; CNPq – Bolsista de Produtividade; Pronex Dimensões da Cidadania no século XIX.

Já escrevi nas teses da Conciliação e Reforma no Brasil que o grande sucesso da História do Brasil é seu povo, e a grande decepção sua liderança, e que os momentos criadores resultam sempre da colaboração íntima e estreita entre a liderança e o povo. O Brasil real e oficial, a história do Brasil real e oficial são duas faces de uma unidade básica, que devem ser somadas e não divididas, devem ser solidarizar-se e não separar-se. (RODRIGUES, 1970, p. 65-88).

Neste texto pretendo desenvolver uma sistematização das diversas correntes historiográficas que estudam a revolta dos marinheiros que Edmar Morel denominou “da Chibata” e que demonstram como temas semelhantes se tornaram caros à historiografia contemporânea. Foi a partir da realização de um seminário na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e que reuniu diversos pesquisadores que foi possível retomar este tema sob outras perspectivas. Este conjunto de textos representa um esforço de divulgar e tornar públicos os debates proporcionados por este encontro. Representa o esforço de diversos historiadores de rememorar, em 2010, o ano de 1910 que foi marcado no Brasil pela eclosão da “Revolta dos Marinheiros”, conhecida posteriormente como “Revolta da Chibata”, título do livro-reportagem do jornalista Edmar Morel publicado em 1959. Para além da memória da cidade do Rio de Janeiro, da Marinha Nacional e de movimentos sociais, o levante tornou-se um dos tópicos da História do Brasil no período da Primeira República e recebeu, sobretudo a partir dos anos 1990 e 2000, um novo tratamento e interesse historiográfico no país e no exterior.

Buscou-se apresentar os debates, na tentativa de entender as múltiplas facetas da unidade básica que é fazer história, dentro de novas perspectivas e novas abordagens, caudatárias da renovação historiográfica européia e americana. O principal objetivo é reunir elementos sobre a produção historiográfica que trata do tema, relacionando-a a uma fonte muito importante para os estudos históricos e que se tornaram, à força de carências documentais, um elemento fundamental para construir estas novas propostas: a imprensa do Rio de Janeiro.

Mas, quero ressaltar que a historiografia deve muito a um jornalista, Edmar Morel, que recuperou em fins da década de 1950, questões que colocaram a obra “A revolta da Chibata” [1958] (MOREL, 1986) no centro de interesse de historiadores, e que passaram a promover um momento de inflexão para que a nova historiografia analise e debata as várias facetas do movimento.

No Brasil da Primeira República, instituições, sociedade e atividades econômicas guardavam ainda muitas das características do Império. As transformações urbanas e a introdução de novas tecnologias modificavam a feição de muitas cidades, com destaque para o Rio de Janeiro, mas não chegavam a atingir os setores mais desassistidos da população. A República ainda era muito recente, 21 anos em 1910, e teria muito a

enfrentar para combater as desigualdades que se constituíam como grandes mazelas sociais.

O Rio de Janeiro possuía nos anos próximos a 1910 cerca de 812 mil habitantes. Era, a capital da República e a maior cidade brasileira. Isto o tornava um centro catalisador de uma população que buscava trabalho nos mais diversos tipos de serviços. Atraía imigrantes das mais diversas nacionalidades, uma população pobre que aumentava, provocando problemas de moradia e higiene, ao mesmo tempo em que o poder público se debatia entre as necessidades de melhorar as condições de vida ou a simples repressão nestes bairros pobre e populares.

No entanto, muitas regiões da cidade recebiam cuidados arquitetônicos e urbanísticos que a transformavam, modificando suas feições. Iniciativas de retirar cortiços e habitações populares para dar lugar a espaços públicos que fossem considerados mais modernos estavam na ordem do dia. No período do governo de Rodrigues Alves reformou-se o porto, instalou-se rede de esgotos, cuidou-se melhor da saúde pública, mas as carências continuavam as mesmas, apesar de serem ignoradas por muitos administradores e políticos.

A população mantinha um grau significativo de insatisfação que se refletiu em inúmeras manifestações populares. As reações contrárias aos desmandos do poder estabelecido se faziam sentir. Um autor pioneiro na divulgação do tema foi Marcos Silva, na obra *Contra a Chibata: marinheiros brasileiros em 1910* (SILVA, 1982). Seu texto colocou em evidência questões importantes sobre o movimento e permitiram uma linha de divulgação quanto ao tema, tão pouco estudado e referido nos livros didáticos.

No entanto, aos movimentos urbanos foram analisados por historiadores que procuravam entender como, nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, concentrou numerosas expressões de insatisfações populares. Uma nova tendência historiográfica vai se consolidar a partir deste tipo de estudo. Um marco nesta tendência foi o livro de Nicolau Sevcenko, *A Revolta da Vacina*, publicado em 1983, pela Editora Brasiliense. Atualmente mereceu uma nova edição, pela editora Cosac Naify (SEVCENKO, 2010). Em resenha publicada pela *Folha de São Paulo* recentemente, Antonio Celso Ferreira, dá destaque para o contexto de sua elaboração e do impacto quanto à primeira edição. Nesta nova edição “o autor acrescenta um posfácio em que revela as circunstâncias políticas da elaboração da obra: a transição da ditadura militar para os primeiros governos civis da década de 1980, momento que permitia estabelecer paralelos sugestivos com o início da República” (FERREIRA, 2010).

No bojo desta publicação outros autores se debruçaram sobre diversos movimentos urbanos e tiveram na imprensa uma fonte importante para analisar e esquadrihar esta cidade tão cheia de nuances. No Rio de Janeiro da primeira década do século XX a busca pelo moderno e pela civilização fazia-se misturando elementos nada promissores: eleições fraudulentas, repressão policial nas ruas, deslocamento forçado de moradias, com outros, ambiciosos de trazer à civilização aos trópicos, como um novo templo ao livro – o prédio na Avenida Central para a Biblioteca Nacional, e à música – o Teatro Municipal.

No entanto, já centenária, a imprensa da cidade vai contribuir de maneira significativa na divulgação, análises e denúncias, com fotos, caricaturas e artigos de opinião sobre os acontecimentos mais variados e surpreendentes que se produziam. A Revolta da Chibata terá uma das mais significativas participações da imprensa que a tornarão visível aos olhos de todo o Brasil e fonte documental importante para os historiadores. Destacarei aqui algumas imagens que a partir da imprensa foram fundamentais para a percepção do movimento, à época, e que se tornaram fontes documentais para os estudos historiográficos posteriormente:

Figura 1- Registro fotográfico da rebelião: maquinistas do encouraçado São Paulo. (MOREL, 2008, v. 1).



Figura 2 - Charge de *O Malho* ironizando a fuga da cidade por parte da população assustada com o evento.



Fonte: Morel (2008, v.1)

Utilizando-se de todas as novas técnicas disponíveis – como fotos e caricaturas – os jornais e revistas cariocas exploraram de forma maciça os acontecimentos, carregando-os de todo o tipo de comentários, muitos deles ajudando a reforçar estereótipos sobre o movimento e seus participantes.

Figura 3- Edição do *Correio da Manhã* com fotos de João Cândido na primeira página



Fonte: Morel (2008, v.1)

Figura 4- Com o testemunho da “política” e da “burguesia”, o marechal Hermes da Fonseca assina a anistia, deixando de lado a “pátria” e o “Zé Povo”. Charge de oposição à Revolta da Chibata



Fonte: Morel (2008, v.1)

Jornais e revistas das mais diversas tendências políticas publicaram numerosos textos sobre aquilo que o jornal *O Paiz* chamou de “revolta popular [que] foi a maior crise social da história do Brasil” (*apud* ALMEIDA, 2009, p. 273).

No *Correio da Manhã* confirmava-se que o fato ultrapassou os limites de recepção entre os leitores de jornais: “Depois da revolta da esquadra, João Cândido tornou-se a conversa de todas as rodas”.

No livro eletrônico (www.projetomemoria.art.br) *João Cândido e a luta pelos direitos humanos* Marco Morel destacou o novo alcance das notícias e de como João Cândido tornou-se um elemento reconhecido a partir deste evento:

O papel de João Cândido como “dono do Brasil” durante aqueles dias foi proclamado, entre outros, pelo escritor Gilberto Amado através de artigo em *O País* na edição de 27 de novembro (os marujos ainda não tinham devolvido os navios) chamando-o de “Almirante”, “árbitro da nação”, “marinheiro formidável”, “herói” e homem que “violentou a História”, concebendo que os navios por ele comandados faziam “parnasianismos de manobras”. Surgia assim, no calor dos acontecimentos, o apelido mais recorrente do marujo, que na *Gazeta de Notícias* em 1912 era tratado de “Almirante Negro” por João do Rio. Da mesma forma, o então jovem Oswald de Andrade presenciou o episódio por ele considerado como “a primeira revolução política que o Brasil teve nesse século – a do marinheiro João Cândido”, a quem o futuro modernista não deixa de intitular como “Almirante Negro”. Até

então a Marinha brasileira não tivera em seus quadros um almirante negro (MOREL, 2008).

Também revistas como *Careta*, *O Malho*, *a Ilustração Brasileira*, *Fon-Fon* foram responsáveis por incluir em suas páginas personagens que anteriormente não seriam considerados para suas páginas de destaques.

O marinheiro João Cândido foi a face visível da Revolta da Chibata na imprensa da época, seja pelo seu papel durante a rebelião, ou pelo reconhecimento que seus companheiros da Armada lhe deram (MOREL, 2008). Personagem discutido e identificado com destaque também nos meios militares, do governo, parlamentares, e da população em geral deu um novo destaque aos indivíduos envolvidos em movimentos populares do Rio de Janeiro da Primeira República.

Marco Morel destaca no livro citado que “em cinco dias o marujo gaúcho transformou-se, de ilustre desconhecido, na maior celebridade do Brasil naquele momento, atraindo sobre ele não só entusiasmo, solidariedade e admiração, mas também implacáveis ódios, vinganças e difamações que o acompanhariam por toda vida. Atestam isso a quantidade de fotos, charges e artigos publicados em destaque nos principais jornais, os discursos na Câmara Federal e no Senado, diálogos registrados nas ruas, casas e cafés. “Depois da revolta da esquadra, João Cândido tornou-se a conversa de todas as rodas”, registrava o *Correio da Manhã*.” (MOREL, 2008).

Sílvia Capanema propõe que se observem dois aspectos quanto à importância dos periódicos nos estudos do episódio: a recepção do movimento pela imprensa propriamente dita e pelos atores do movimento, sobretudo os líderes. Dizendo de outra maneira, distinguir a forma como os marinheiros de 1910 tiveram seus perfis e participação construídos pela imprensa, ao mesmo tempo em que se utilizaram dela para divulgar sua imagem e reivindicações. Como entendeu que o estudo iconográfico era essencial para a compreensão da revolta dedicou uma capítulo especialmente ao tema em sua tese de doutorado (ALMEIDA, 2009, p. 273).

Mas, de qualquer forma, na recente historiografia esta questão aparece sob as mais diversas abordagens. A demanda de José Honório Rodrigues encontra ecos nos mais diversos estudos que começaram a ser produzidos a partir da década de 1980 no Brasil, mas que estavam no bojo das novas tendências da historiografia européia e americana.

Os historiadores buscaram caminhos dentro de várias possibilidades, ou seja, vendo os traços de tradicionalismo dentro destes movimentos, ou da busca pela cidadania que continham, ou ainda como se desempenharam como parte integrante de um processo. Com a revitalização das biografias e da história política partiram também

para estudar o perfil e as trajetórias das lideranças e das diferentes personagens implicadas (ALMEIDA, 2009, p. 15).

No plano internacional os estudos relacionados ao mar, às profissões a ele vinculadas, suas imagens e os conflitos que nele e por ele se manifestaram tiveram uma larga abrangência. Recuperarei alguns, apenas para contextualizar sua importância na renovação historiográfica. Alain Corbain (1989), Cabantous (1990) e Bromley (1990) são autores de textos que trouxeram à baila questões como a praia e o imaginário Ocidental, os fundamentos de uma civilização marítima no Atlântico, bandidos do mar e os flibusteiros do Caribe e se enquadram neste conjunto de historiadores que desenvolveram temas pertinentes ao nosso foco de abordagem.

Para os estudos no Brasil podemos demarcar esta recuperação historiográfica pelo já citado *A Revolta da Vacina*, de Nicolau Sevcenko que mergulhou nos motins urbanos ocorridos em 1904, no Rio de Janeiro e foi definido por Antonio Celso Ferreira de “ensaio interpretativo seminal sobre um dos mais emblemáticos motins urbanos da história brasileira do século XX” e que inspirou numerosos outros estudos. (FERREIRA, 2010).

Os textos de José Murilo de Carvalho, tal como *Os bestializados*, de 1987 (CARVALHO, 1987) e também “Cidadania: tipos e percursos” na revista *Estudos Históricos* (1996) e mais recentemente o livro que organizou com Lúcia Bastos Pereira das Neves *Repensando o Brasil do Oitocentos. Cidadania, política e liberdade* (CARVALHO; NEVES, 2009) colocaram em questão a *cidadania reconfigurada*, expressão de Silvia Capanema como pedra de toque de seus estudos. Os movimentos urbanos cariocas e as novas instituições foram analisados sob uma perspectiva que indicava a busca pela cidadania de novos setores da sociedade. Ou ainda como novas concepções de cidadania, em ebulição, manifestaram-se de formas diferenciadas, sobretudo entre camadas da população que antes não tinham sido consideradas.

Ainda neste contexto, vem a luz a obra *A revolta dos Marinheiros* do Almirante Leôncio Martins (MARTINS, 1988) um livro no qual se contrapõe a análise de Edmar Morel, abordando os fatos da revolta de 1910 segundo fontes documentais semelhantes, mas na qual pretende desmistificar alguns aspectos da revolta, relativizando algumas conclusões sobre a participação e a importância de João Cândido.

Na década de 1990, a produção historiográfica brasileira debruçou-se por temas que renovariam de maneira definitiva perspectivas e abordagens os textos de história sobre o período. Sidney Chaloub, em *Cidade Febril* (CHALOUB, 1996) traz a questão dos movimentos populares para o centro dos acontecimentos. O diálogo, cada vez mais rico entre a historiografia brasileira e internacional, contribui para a renovação destes

estudos no Brasil. Destaco o livro de Cláudio Batalha (BATALHA, 2000) *O movimento operário na Primeira República*, destacando questões como a consolidação de novos espaços, nos quais diversas formas de opinião pública se manifestaram. Também em 1996, Marco Pamplona publicou um balanço da historiografia sobre protestos populares. Em um artigo denominado “A historiografia sobre o protesto popular: uma contribuição para o estudo das revoltas urbanas” (PAMPLONA, 1996) já enuncia o que está para se tornar mais consolidado na década seguinte, isto é, o aumento consistente de reflexões sobre o tema. Posteriormente o mesmo autor publicou – *Revoltas, república e cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na consolidação da ordem republicana* (PAMPLONA, 2003).

A multiplicação de novas publicações, que repensaram muitos projetos de modernização do país foi mais um passo importante. Ao lado de análises de aspectos políticos ou simbólicos de manifestações populares neste período surgiram produções universitárias que vieram contribuir de maneira bastante sólida para popularizar estudos da Primeira República.

A participação de militares nos primeiros anos da República e questões concernentes a modernização das instituições militares foram estudadas de maneira bastante inovadora na obra de Celso Castro, destacando-se – *A proclamação da República* (CASTRO, 2000). Outra obra que veio contribuir de maneira inovadora foi a tese de Doutorado de Álvaro Pereira do Nascimento defendida na Unicamp, (NASCIMENTO, 2002) *Do convés ao porto: a experiência dos Marinheiros e a revolta de 1910*. No ano anterior já havia publicado um texto premiado pelo Arquivo Nacional, *A ressaca da marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial* (NASCIMENTO, 2001) que se constitui referência importante para o tema. Hoje Alvaro Nascimento prepara uma biografia sobre João Candido.

Também em uma tese de Doutorado, defendida em 2001, na Universidade de São Paulo, e denominada *Em busca da Cidadania: praças da Armada Nacional (1867-1910)*, José Miguel Arias Neto (ARIAS NETO, 2001) aprofundou questões relacionadas à cidadania na Armada que culminaram, segundo sua abordagem, no movimento de 1910.

Houve, neste contexto, a ampliação do número de obras coletivas que mantêm a tradição, desde Sérgio Buarque de Holanda, ao reunir diversos autores em uma coleção e que analisam, dentro de novas perspectivas o período republicano. Destacarei aqui publicações da importância de *A República no Brasil* (GOMES; PANDOLFI; ALBERTI, 2003) de Ângela de Castro Gomes, Dulce Pandolfi e Verena Alberti, e posteriormente *O Brasil Republicano*, organizada por Lucília Neves Delgado, da Universidade Federal de

Minas Gerais e Jorge Ferreira, da Universidade Federal Fluminense, (DELGADO; FERREIRA, 2006). Em 4 volumes, apresenta ao longo do volume 1, que tem como subtítulo “O tempo do liberalismo excludente” a Primeira República, com diversas análises sobre movimentos de rua que atingiram de maneira significativa a cidade do Rio de Janeiro. (apud ALMEIDA, 2009, p. 58).

Além destes nomes que certamente compõem uma pequena parte da historiografia que se indaga sobre o tema, e que estuda de maneira acurada *A revolta da Chibata*, temos os textos dos participantes desta publicação que compõem um rico painel com as discussões mais recentes sobre a Revolta da Chibata.

Todos estes autores e textos reunidos criaram a viabilidade de se discutir com novas perspectivas e abordagens um tema que permite conhecer melhor a política e a sociedade do Brasil nos primórdios da República. Há duas ou três décadas seria muito difícil formar um plantel tão rico para discutir A Revolta da Chibata e a produção a ela relacionada com presenças como Joseph Love, (2000) José Miguel Arias Neto (2001), Helio Leôncio Martins (1988), Zachary Morgan (2003) Mario Maestri (2000) Álvaro Nascimento (2002, 2001) e Marco Morel (2008). Deste último não podemos esquecer as contribuições recentes como *João Candido e a luta pelos direitos humanos*, um livro fotobiográfico e que foi publicado em texto impresso e no endereço eletrônico www.projetomemoria.art.br em 2008, acrescido posteriormente pelo livro comentado de seu avô Edmar Morel (MOREL; MOREL, 2009) sobre a Revolta da Chibata. Todos trouxeram novas e importantes contribuições e certamente seus textos contribuirão para tornar os debates historiográficos mais consolidados, como sugeria nos anos sessenta José Honório Rodrigues.

Referências

ALMEIDA, Sílvia Capanema P. de. *Nous, Marins, citoyens brésiliens et républicains: identités, modernité et mémoire de la revolte des matelots de 1910*. 2009. Tese (Doutorado) - École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris.

ARIAS NETO, José Miguel. Marinha do Brasil como imagem da nação: o pensamento de monarquistas e republicanos sobre a Marinha do Brasil em fins do século XIX. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 121, n. 7/9, p. 105-115, 2001.

_____. *Em busca da Cidadania: praças da Armada Nacional (1867-1910)*. 2001. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

BROMLEY, J. S. Bandidos do Mar, 1660-1720: Liberdade, Igualdade e Fraternidade entre os flibusteiros do Caribe. In: KRANTZ, Frederick (Org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CABANTOUS, A. *Le ciel dans la mer*. Christianisme et civilization maritime, XVI-XIX siècle. Paris: Fayard, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Cidadania: tipos e percursos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p.357-424, 1996.

_____. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira (Org.) *Repensando o Brasil do Oitocentos: Cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CASTRO, Celso. *A proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *A invenção do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CHALOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORBIN, Alain. *O território do vazio*. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano*. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FERREIRA, Antonio Celso. Sevcenko cria estudo seminal sobre motim. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 3 set. 2010. E6. *Ilustrada* Crítica, Ensaio.

GOMES, Angela de Casto; PANDOLFI, Dulce e ALBERTI, Verena. *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

LOVE, Joseph. A República Brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1947). In: MOTA, Carlos Guilherme. *A experiência brasileira: a grande transação*. São Paulo: SENAC, 2000.

MAESTRI, Mário. *Cisnes Negros: uma história da Revolta da Chibata*. São Paulo: Moderna, 2000.

MARTINS, Hélio Leôncio. *A revolta dos marinheiros, 1910*. São Paulo: Ed. Nacional, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1988.

MOREL, Edmar. *A revolta da Chibata* [1958]. 4.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

MOREL, Marco. *João Cândido e a luta pelos direitos humanos. Livro fotobiográfico*. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2008. v. 1.

MOREL, E.; MOREL, M. (Org.). *A Revolta da Chibata*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MORGAN, Zachary Ross. *Brazil: The Revolt of the Lash, 1910 in Twentieth Century Naval Mutinies*. London: Frank Cass Publisher, 2003.

NASCIMENTO, Alvaro. P. *Do convés ao porto: a experiência dos Marinheiros e a Revolta de 1910*. 2002. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2002.

_____. P. *A ressaca da marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

PAMPLONA, Marco Antônio. A historiografia sobre o protesto popular: uma contribuição para o estudo das revoltas urbanas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

_____. *Revoltas, república e cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na consolidação da ordem republicana*. Rio de Janeiro. Record, 2003.

RODRIGUES, José Honório. A rebeldia negra e a Abolição. In: _____. *História e Historiografia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1970.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVA, Marcus A. *Contra a Chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, 1982.